

Rev. Yuri Castro



COMUNHÃO REAL

Simbologia, presença e Santa Ceia
em tempos virtuais

2ª EDIÇÃO, REVISTA E AMPLIADA

REV. YURI CASTRO

Comunhão Real

Simbologia, presença e Santa Ceia em tempos virtuais

2ª EDIÇÃO, REVISTA E AMPLIADA · 2026

Citações bíblicas: Almeida Revista e Atualizada (ARA).

yuricastro.com.br/ebooks

Este e-book pode ser reproduzido e distribuído gratuitamente, desde que o conteúdo não seja alterado e a autoria seja devidamente citada. Venda proibida, salvo autorização expressa do autor.

*A tela pode transmitir a pregação. Não pode
transformar distância em assembleia, nem pixels
em pão partilhado.*

REV. YURI CASTRO

Nota à edição revista

Este livro nasceu em 2020, durante a pandemia de Covid-19. Naquele período, igrejas de diversas tradições foram obrigadas, de forma abrupta, a suspender reuniões presenciais, transmitir cultos pela internet e buscar meios emergenciais de manter contato com suas comunidades. Foi também naquele contexto que ganharam força propostas de Santa Ceia online, elementos distribuídos para uso doméstico e celebrações em formato drive-thru. Esta edição foi profundamente reescrita e ampliada. A emergência passou, mas a pergunta permaneceu: até onde a mediação tecnológica pode servir à Igreja sem pretender substituir aquilo que Cristo instituiu?

A tese deste livro permanece simples: a internet é uma ferramenta extraordinária para comunicar a verdade, mas não possui autoridade para redefinir aquilo que Cristo instituiu para a sua Igreja. A Santa Ceia não é conteúdo religioso para consumo. É sacramento celebrado pela Igreja reunida, sob a Palavra, mediante sinais visíveis, até que o Senhor venha.

As críticas aqui apresentadas não se dirigem à tecnologia, à transmissão de cultos, à evangelização digital ou ao ensino online. Dirigem-se à substituição: ao momento em que o meio deixa de servir à realidade e passa a pretender ocupar o lugar dela.

CONTEÚDO

Sumário

INTRODUÇÃO

Quando a comunhão virou transmissão	6
-------------------------------------	---

CAPÍTULO 1

Deus sempre falou por sinais reais	8
------------------------------------	---

CAPÍTULO 2

A Ceia é comunhão, não conteúdo	12
---------------------------------	----

CAPÍTULO 3

A Igreja precisa estar reunida	15
--------------------------------	----

CAPÍTULO 4

O virtual comunica, mas não substitui	19
---------------------------------------	----

CAPÍTULO 5

Quando a reverência vira performance	24
--------------------------------------	----

CAPÍTULO 6

Recuperando a solenidade e a alegria da mesa	29
--	----

CONCLUSÃO

Até que Ele venha	33
-------------------	----

INTRODUÇÃO

Quando a comunhão virou transmissão

Durante séculos, a Igreja cristã respondeu a perguntas sobre a presença de Cristo na Ceia, a natureza dos elementos, a frequência da celebração, quem deveria participar e como o sacramento deveria ser administrado. Em nossa geração surgiu uma pergunta nova, ao menos em sua forma tecnológica: pode a comunhão da Igreja ser virtualizada?

A pergunta ganhou urgência quando cultos passaram a ser transmitidos para casas, celulares e computadores. Em muitos lugares, a transmissão deixou de ser apenas recurso de comunicação e passou a ser tratada como equivalente funcional da assembleia. Em seguida vieram propostas de Santa Ceia online, elementos distribuídos para uso doméstico, celebrações em formato drive-thru e outras tentativas de preservar o sacramento por meios extraordinários.

A motivação, em muitos casos, era compreensível: pastores queriam cuidar do rebanho e igrejas desejavam manter vínculos em circunstâncias excepcionais. Mas boas intenções não concedem à Igreja liberdade para alterar a natureza de uma ordenança de Cristo. A questão decisiva não é apenas: “isso funciona?”. É: “isso ainda é aquilo que Cristo instituiu?”.

Foi exatamente aí que nasceu a primeira versão deste livro. A questão não era como continuar celebrando a Ceia a qualquer custo, mas se aquilo que estávamos chamando de Ceia ainda era a Ceia do Senhor.

A discussão permanece atual porque a emergência passou, mas a lógica permaneceu. A cultura digital nos treinou a tratar quase tudo como algo acessível sob demanda. Trabalhamos, compramos, conversamos, estudamos, assistimos a transmissões de cultos e acompanhamos pessoas sem sair de casa. Essa conveniência é útil, mas produz uma tentação: imaginar que aquilo que pode ser mediado por uma tela também pode ser substituído por ela.

O cristianismo, porém, é uma fé profundamente encarnada. O Verbo se fez carne. Cristo morreu em um corpo verdadeiro, ressuscitou corporalmente, chamou um povo visível, instituiu sinais materiais e prometeu voltar. A fé cristã não despreza o invisível; ao contrário, crê no Deus invisível. Mas também não despreza o corpo, a matéria, a presença e a assembleia.

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.”

JOÃO 1.14

Por isso, este livro é uma defesa da realidade: a tecnologia pode servir à comunhão, mas não substituí-la. A Igreja deve receber de Cristo o que Ele instituiu, como Ele instituiu.

1

CAPÍTULO 1

Deus sempre falou por sinais reais

A história da redenção é marcada por palavras e sinais. Deus fala, promete, ordena, adverte e consola e, em muitos momentos, une à Palavra sinais visíveis que tornam sua promessa perceptível aos sentidos.

No Éden, a vergonha decorrente do pecado é coberta. Na história dos patriarcas, altares marcam encontros com Deus. Na Páscoa, sangue, pão e refeição tornam-se memória concreta da libertação. No tabernáculo e no templo, sacrifícios, água, óleo, incenso, pão e sangue compõem uma pedagogia santa. Deus ensina seu povo com palavras, mas também por sinais que Ele mesmo ordena.

Isso não significa que os elementos possuam poder em si mesmos. O sinal não salva por sua própria virtude. Seu valor está na instituição divina e na realidade espiritual que significa e sela. Mas isso também não torna o sinal dispensável. Quando Deus escolhe falar por sinais, nossa tarefa não é aperfeiçoá-los, substituí-los ou espiritualizá-los até que desapareçam. Nossa tarefa é recebê-los com fé.

Da Páscoa à mesa do Senhor

A Páscoa ensinava Israel a recordar uma libertação histórica. Houve uma noite, um juízo, sangue nas casas, famílias reunidas e um povo que efetivamente saiu da escravidão. A refeição não produzia o êxodo; celebrava e proclamava o ato salvador de Deus.

Na Nova Aliança, Cristo toma pão e cálice e os vincula à sua própria morte. A mesa passa a proclamar outro êxodo: o Filho de Deus entrega-se para libertar seu povo do pecado e da morte. O evento lembrado não

é uma ideia religiosa, mas um acontecimento histórico. Cristo morreu. Cristo ressuscitou. Cristo voltará.

A cruz foi real. A morte foi real. O sacrifício foi real. E, acima de tudo, a ressurreição foi real. A fé cristã não repousa sobre uma metáfora bonita, mas sobre atos de Deus realizados na história.

“Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.”

1 CORÍNTIOS 11.26

A Ceia, portanto, volta nossos olhos em três direções. Para trás, para a cruz. Para o presente, no qual a Igreja comunga com Cristo e uns com os outros. E para frente, para a volta do Senhor e a plena comunhão do povo redimido.

Na antiga dispensação, os sinais apontavam para aquilo que haveria de acontecer. Na Nova Aliança, eles nos fazem rememorar o que aconteceu e alimentam nosso anseio pelo que ainda acontecerá. Hoje temos sinais visíveis que apontam para uma presença recebida espiritualmente pela fé. Na era vindoura, não teremos apenas o sinal: teremos diante de nós o próprio Cristo, em glória.

Deus continua falando conosco como um Pai fala a filhos pequenos. Por vezes, quase balbuciando, encenando e ilustrando; ensinando, mostrando, apontando e repetindo diante dos nossos olhos aquilo que nossa fraqueza tantas vezes demora a compreender. Um dia, porém, não precisaremos mais dos sinais. Sentar-nos-emos à grande mesa, com o me-

lhor pão e o melhor vinho, no melhor lugar, diante do próprio Rei. Lá cessarão nossas discussões sobre quando celebrar, como celebrar, por que celebrar, com o que celebrar e com quem celebrar. O que hoje recebemos por sinais, então veremos face a face.

Sinal e realidade

A tradição reformada recusa dois extremos. De um lado, rejeita a ideia de que o pão e o vinho se transformem fisicamente no corpo e no sangue de Cristo. De outro, rejeita a redução da Ceia a mero exercício mental de lembrança. A Confissão de Fé de Westminster apresenta os sacramentos como santos sinais e selos da aliança da graça, instituídos por Deus para representar Cristo e seus benefícios e confirmar nossa participação neles. Ao tratar da Ceia, ensina que os crentes recebem Cristo e dele se alimentam espiritualmente, pela fé.

Essa compreensão impede que usemos “espiritual” como sinônimo de “desvinculado do físico”. Na Ceia, a comunhão com Cristo é espiritual; o sacramento, porém, é administrado por meio de sinais visíveis, recebidos por pessoas concretas, reunidas como Igreja.

Cristo não ordenou apenas que pensássemos na cruz. Deu-nos pão e cálice. Não instituiu uma devoção privada, mas uma mesa para sua Igreja. Colocou a Ceia no coração da vida do seu povo.

2

CAPÍTULO 2

A Ceia é comunhão, não conteúdo

Uma das palavras mais importantes para compreender a Santa Ceia é comunhão. Paulo pergunta: “Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?” (1 Coríntios 10.16).

A Ceia não é apenas informação sobre a morte de Jesus. Também não é dramatização religiosa destinada a produzir emoção. É uma ordenança de Cristo na qual a Igreja proclama o evangelho, participa de uma refeição santa e confessa, ao repartir o mesmo pão, que é um só corpo.

“Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão.”

1 CORÍNTIOS 10.17

É justamente aqui que a lógica digital encontra seu limite. Conteúdo pode ser replicado indefinidamente. Uma pregação pode ser gravada, transmitida e assistida por alguém do outro lado do mundo. Uma aula pode ser acessada meses depois. Um texto pode ser copiado. A Ceia não pertence a essa categoria.

A Ceia não é algo a que se assiste, mas algo de que a Igreja participa. Não é um arquivo, mas um ato. Não é uma mensagem separada da comunidade; é uma prática da assembleia.

O problema da lógica do consumo

A internet nos habituou ao consumo sob demanda. Escolhemos o que queremos ver, pulamos o que não nos interessa, aceleramos o que parece lento, interrompemos quando desejamos e retornamos quando for conveniente. Essa lógica é eficiente para o acesso à informação. Torna-se perigosa quando transferida para o culto.

No culto cristão, não somos clientes montando uma experiência personalizada. Somos povo convocado. Deus fala, e nós ouvimos. Deus ordena, e nós obedecemos. Deus chama, e nós nos reunimos. A mesa do Senhor confronta a lógica do consumo porque nela ninguém é consumidor privado: somos membros de um corpo.

A pergunta, portanto, não é se alguém pode comer pão e beber vinho diante de uma transmissão. Evidentemente pode. A pergunta é se esse ato, realizado isoladamente ou sem a assembleia visível sob a administração da Igreja, corresponde à Santa Ceia instituída por Cristo.

Pão diante de uma tela continua sendo pão. Vinho diante de uma tela continua sendo vinho. Uma transmissão pode reproduzir as palavras da instituição. Mas a presença desses elementos, por si só, não constitui o sacramento. A Ceia pertence à Igreja reunida.

3

CAPÍTULO 3

A Igreja precisa estar reunida

A linguagem de 1 Coríntios 11 é decisiva. Paulo não trata a Ceia como uma devoção individual. Ele a situa no contexto da reunião da igreja.

Antes de olhar para Corinto, vale recordar outra cena. Quando Jesus disse à mulher samaritana que chegaria a hora em que o Pai não seria adorado exclusivamente naquele monte nem em Jerusalém, Ele não entregou à Igreja uma carta branca para adorar quando, onde e como quisesse. A Nova Aliança rompeu com a limitação geográfica do antigo culto; não rompeu com a santidade daquele que é adorado.

De um lado estava uma samaritana presa a uma tradição religiosa que adorava o que não conhecia. Do outro, os judeus possuíam a ortodoxia do lugar: Jerusalém era, de fato, o centro estabelecido do culto. E, ainda assim, muitos foram incapazes de reconhecer o Messias quando Ele esteve diante de seus olhos. O problema não era simplesmente o lugar da adoração, mas a falta de Cristo na adoração. Os samaritanos não o conheciam; os judeus, embora guardassem a forma correta, não o reconheceram.

Cristo é o fiel da balança entre solenidade e espiritualidade em todo lugar. A presença física, sozinha, não produz culto verdadeiro; mas a espiritualidade verdadeira também não nos autoriza a desprezar as formas que o próprio Cristo deu à sua Igreja.

“Quando vos reunis na igreja...”

1 CORÍNTIOS 11.18

“Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar...”

1 CORÍNTIOS 11.20

O problema em Corinto não era a ausência de reunião, mas uma reunião desordenada. Os crentes estavam fisicamente juntos, porém sua conduta contradizia a comunhão que professavam. Havia divisões, alguns se adiantavam aos outros e os pobres eram humilhados. Paulo não resolve o problema dissolvendo a assembleia em experiências domésticas independentes. Corrige a maneira como a Igreja reunida celebra.

Isso nos ensina duas coisas. Primeiro, a presença física, por si só, não garante comunhão verdadeira. Uma igreja pode estar no mesmo lugar e, ainda assim, pecar contra a unidade do corpo. Segundo, essa verdade não torna a presença dispensável. Paulo corrige a comunhão dentro da assembleia; não substitui a assembleia.

Reunir-se é parte do significado

No Novo Testamento, a Igreja é chamada repetidamente à vida comum: perseverar na doutrina, na comunhão, no partir do pão e nas orações; estimular uns aos outros ao amor e às boas obras; carregar fardos; servir; corrigir; perdoar; cantar; ouvir; orar; celebrar.

Muitas dessas coisas podem ser auxiliadas pela tecnologia. Uma ligação pode consolar. Uma mensagem pode encorajar. Uma transmissão pode levar a Palavra a alguém hospitalizado. Uma videoconferência pode permitir uma reunião emergencial. Mas auxílio não é identidade. O fato de

a tecnologia servir à comunhão não significa que seja capaz de produzir todas as formas de comunhão.

A assembleia cristã possui uma dimensão corporal irreduzível. Pessoas chegam, ocupam o mesmo espaço, ouvem a mesma Palavra, cantam juntas, veem umas às outras, esperam umas pelas outras e participam do mesmo pão e do mesmo cálice. Essa corporalidade não é mero acidente cultural; corresponde ao caráter encarnado da fé cristã.

Exceção não cria nova norma

Circunstâncias extraordinárias exigem sabedoria pastoral. Doença, perseguição, guerra, calamidade e outras situações podem impedir temporariamente a reunião. A Igreja sempre precisou lidar com exceções. Mas uma exceção evidencia a ausência de algo; não redefine aquilo que está ausente.

Se um cristão está impedido de participar da Ceia, essa privação pode ser dolorosa. A resposta pastoral, porém, não precisa fingir que a privação não existe. Há momentos em que a fidelidade consiste em esperar. Nem toda ausência precisa ser resolvida pela tentativa de reproduzir à distância aquilo que pressupõe reunião.

A fome pela mesa pode, inclusive, ensinar-nos o valor da mesa.

4

CAPÍTULO 4

O virtual comunica, mas não substitui

A palavra “virtual” costuma ser usada de maneira imprecisa. Uma conversa por vídeo é real: a pessoa do outro lado existe, as palavras são reais e a emoção pode ser verdadeira. Um relacionamento mediado por tecnologia também pode ser real. Seria simplista, portanto, afirmar que tudo o que ocorre por meios digitais é falso.

Nosso tempo quase inventou uma nova “tricotomia” cultural: uma identidade física, uma identidade espiritual e uma identidade virtual. Há quem viva como se aquilo que não aparece na internet simplesmente não existisse e, ao mesmo tempo, como se aquilo que aparece nela adquirisse automaticamente o peso da realidade. O problema não está em reconhecer a representação. Está em confundir representação com presença.

Uma chamada de vídeo pode mediar uma conversa entre mãe e filho, mas não equivale a um abraço. Uma fotografia pode preservar a memória de uma pessoa, mas não equivale à sua presença. Uma transmissão pode levar uma pregação a milhares de pessoas, mas não equivale, por si mesma, à assembleia da Igreja.

É aqui que precisamos de uma teologia da tecnologia mais cuidadosa. A tecnologia amplia capacidades humanas: permite ver, ouvir e falar à distância, além de registrar o que passou. Mas não possui poder sacramental. Não transforma distância em proximidade corporal nem cria, por conta própria, a realidade eclesial que pretende representar.

O Verbo se fez carne

O cristianismo não nasceu de uma mensagem desencarnada. O Filho eterno de Deus assumiu verdadeira natureza humana. Viveu entre nós, tocou enfermos, comeu com discípulos, sofreu em um corpo, morreu na cruz e ressuscitou corporalmente.

Há aqui uma ironia histórica. Em setores da teologia liberal, a fé cristã já foi esvaziada pela tentativa de separar a “mensagem” de Jesus da historicidade de sua encarnação, de seus milagres e, sobretudo, de sua ressurreição. Como se a ideia pudesse sobreviver intacta quando o acontecimento real fosse tratado como dispensável. A Igreja confessou justamente o contrário: se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé.

A virtualização do sacramento corre um risco semelhante em outra escala: preservar a aparência, a linguagem e a intenção da Ceia, enquanto se tornam secundárias as realidades concretas que Cristo vinculou a ela: pão, cálice, corpo reunido e administração da Igreja.

A encarnação não significa que tudo na fé cristã deva ser fisicamente próximo. Oramos a um Deus que não vemos. Temos comunhão com Cristo pelo Espírito. Cremos em realidades invisíveis. Mas a encarnação impede que tratemos o corpo como detalhe descartável.

Por isso, a pergunta mais precisa não é simplesmente: “Se o virtual não é físico, como poderá ser espiritual?”. O Espírito Santo pode usar uma pregação transmitida para edificar e uma oração feita à distância para consolar. A pergunta que realmente nos confronta é outra: se Cristo nos deu pão, cálice, uma Igreja reunida e uma mesa, com que autoridade transformamos presença em transmissão e depois chamamos a trans-

missão de presença? Pode a mediação tecnológica substituir os elementos corporais e eclesiais que Cristo vinculou ao sacramento?

Minha resposta permanece a mesma desde 2020: não.

**A tela pode transmitir palavras sobre a mesa.
Não pode tornar-se a mesa.**

Ferramenta ou substituto?

A internet é uma ferramenta extraordinária. Igrejas podem usá-la para evangelizar, ensinar, comunicar, discipular, transmitir cultos a enfermos, alcançar pessoas distantes e manter contato em situações emergenciais. Rejeitar esses usos seria confundir fidelidade com isolamento tecnológico.

O problema começa quando uma ferramenta passa a reivindicar equivalência com aquilo a que deveria apenas servir. Uma câmera pode levar a imagem do culto para fora do local da reunião, mas não transforma o espectador remoto em participante corporal da assembleia. Um aplicativo pode lembrar o horário da Ceia, mas não administra o sacramento. Um ambiente de realidade virtual pode simular uma mesa, mas não cria pão, cálice, presença e Igreja reunida.

A distinção é simples: usemos a tecnologia para aproximar pessoas da realidade; não para persuadi-las de que a realidade se tornou desnecessária.

A virtualidade é, nesse sentido, uma faca de dois gumes. Ela aproxima quem está longe, mas também pode conservar indefinidamente aquilo que deveria ter ficado no passado. Cristo perdoa o pecador arrependido; a internet, muitas vezes, arquiva, indexa, replica e reapresenta. A graça nos permite dizer: “eu não sou mais aquele homem”. A rede insiste em mostrar uma fotografia antiga. Por isso, a vida cristã não pode ser reduzida à identidade que uma tela consegue registrar.

5

CAPÍTULO 5

Quando a reverência vira performance

COMUNHÃO REAL · REV. YURI CASTRO

A virtualização do culto não acontece apenas quando alguém tenta celebrar a Ceia à distância. Ela também aparece quando o culto presencial passa a ser vivido prioritariamente como matéria-prima para exposição digital.

É possível estar fisicamente no culto e, ainda assim, comportar-se como espectador. É possível participar da mesa e estar mais preocupado em registrar o momento do que em discernir o corpo. É possível transformar o sagrado em cenário.

Esse risco não pertence exclusivamente a uma geração, a uma rede social ou a quem usa celular. O coração humano sempre foi capaz de transformar culto em performance. A tecnologia apenas oferece novas ferramentas para uma tentação antiga: praticar a piedade para ser visto.

A cultura digital torna particularmente fácil viver de aparência: parecer que sente. Parecer que é. Parecer que tem. A virtualidade pode tornar-se uma selva perfeita para camuflar o pecado e vestir as projeções do coração. O problema não é que tudo na internet seja falso; é que nela se tornou extraordinariamente fácil editar a imagem sem tratar o coração.

Antes falávamos em Photoshop, corretor ortográfico e Ctrl C + Ctrl V. Hoje podemos acrescentar filtros, edição automática e inteligência artificial. As ferramentas mudam; a tentação é antiga. Podemos corrigir a fotografia, aperfeiçoar a frase, fabricar uma imagem de autoridade e esconder, atrás de uma tela impecável, um coração que continua sem tratamento. A virtualidade não criou a hipocrisia, mas lhe ofereceu excelentes ferramentas de edição.

O problema não é a fotografia

Uma fotografia feita na igreja não é, por si mesma, irreverente. Uma postagem pode convidar pessoas, ensinar, testemunhar gratidão e divulgar a vida da comunidade. O problema é quando a consciência da câmera passa a governar a consciência da presença de Deus.

Quando Moisés se aproximou da sarça, Deus não lhe disse: “registre o momento”. Disse: “tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa”. A cena é quase provocadora para o nosso tempo: talvez nossa primeira reação fosse tirar o smartphone do bolso antes de tirar as sandálias. A reverência começa quando a presença de Deus pesa mais sobre nós do que a necessidade de mostrar aos outros onde estamos.

Há diferença entre registrar algo que aconteceu e realizar algo para ser registrado. Há diferença entre comunicar a vida da Igreja e transformar a vida da Igreja em conteúdo.

Há nisso uma ironia que merece nossa atenção: podemos ser rigorosos ao condenar a adoração de imagens e, ao mesmo tempo, gastar enorme energia construindo, protegendo e promovendo a nossa própria imagem. O ídolo não precisa estar no altar; às vezes, cabe perfeitamente na tela.

Quando a liturgia começa a ser moldada pela lógica da imagem, corremos o risco de perguntar menos “isto é fiel?” e mais “isto é publicável?”. Menos “isto serve à congregação?” e mais “isto engaja?”. Menos “Cristo está no centro?” e mais “como isto aparece?”.

Seguidores e discípulos

A linguagem das redes sociais é reveladora. Falamos de seguidores, alcance, influência, autoridade, engajamento e relevância. Nenhuma dessas palavras é má em si mesma. A Igreja deve desejar que a verdade alcance mais pessoas. O problema surge quando métricas de atenção começam a definir valor espiritual.

Cristo não nos chamou para construir audiência como finalidade, mas para fazer discípulos. Discípulos não são números em uma tela. São pessoas que precisam ser ensinadas, corrigidas, encorajadas, batizadas, recebidas à mesa e incorporadas à vida de uma igreja local.

A internet pode colocar alguém em contato com a verdade. Não deve ser tratada como destino final da vida cristã.

As redes também nos permitem formar grupos como sapatos exatamente do nosso número: não apertam, combinam com a roupa e quase nunca nos obrigam a caminhar de outro modo. Mas a comunhão cristã não foi desenhada para ser tão confortável. “Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo.” Na igreja real, convivemos com pessoas que não escolheríamos, somos contrariados, perdoados, corrigidos e aperfeiçoados. Esse atrito santo não cabe inteiro em um algoritmo.

A reverência é atenção ordenada

Reverência não é silêncio teatral, formalismo ou aversão à alegria. É reconhecer quem Deus é, o que Ele faz e qual é o nosso lugar diante dele.

Na mesa do Senhor, essa reverência assume forma concreta: examinamos a nós mesmos, discernimos o corpo, lembramos a morte de Cristo, recebemos os sinais com fé e esperamos a sua volta. O sacramento nos retira do centro.

Talvez esse seja um dos maiores conflitos entre a mesa e a cultura digital. A cultura da exposição diz: “mostre-se”. A mesa diz: “lembre-se dele”. A cultura da personalização diz: “faça do seu jeito”. A mesa diz: “receba o que foi instituído”. A cultura do instante diz: “consuma agora”. A mesa diz: “espere uns pelos outros”.

6

CAPÍTULO 6

Recuperando a solenidade e a alegria da mesa

A resposta à banalização não é transformar a Ceia em cerimônia fria. Solenidade cristã não é tristeza. O sacramento anuncia uma morte vencida pela ressurreição. É mesa de arrependimento e de graça; de exame e de consolo; de reverência e de alegria.

Precisamos recuperar uma visão da Ceia que seja, ao mesmo tempo, bíblica, confessional, pastoral e congregacional.

1 Recuperar a centralidade de Cristo

A Ceia não existe para exaltar nossa experiência. Ela anuncia a morte do Senhor. O pão e o cálice deslocam nossos olhos de nós mesmos para Cristo. A pergunta central não é “o que senti?”, mas “o que Cristo fez e o que prometeu?”.

2 Recuperar a dimensão comunitária

Não vamos à mesa como indivíduos isolados que coincidentemente ocupam o mesmo salão. Somos um corpo. Por isso, divisões, desprezo, egoísmo e indiferença contradizem o que a Ceia proclama.

A reconciliação entre pecadores nunca será perfeita nesta vida (se essa fosse a condição, ninguém participaria), mas a disposição para amar, perdoar e buscar a paz não pode ser tratada como acessório.

3 Recuperar o exame sem transformar a Ceia em prêmio

Paulo manda que cada um examine a si mesmo e, assim, coma do pão e beba do cálice. O exame não é uma escada pela qual nos tornamos dignos de Cristo. É o reconhecimento de que precisamos dele.

A mesa não é recompensa para pessoas impecáveis. É meio de graça para pecadores arrependidos que confiam em Cristo e pertencem ao seu corpo.

4 Recuperar a administração da Igreja

A Ceia foi confiada à Igreja. Isso significa que não é prática privada sujeita à adaptação individual. A Igreja deve ensiná-la, administrá-la e guardá-la com o cuidado pastoral que sua natureza exige.

Na tradição presbiteriana, isso inclui a supervisão dos presbíteros, a instrução do povo, o cuidado com a admissão à mesa e a preservação da ordem do culto.

5 Recuperar a expectativa

Toda Ceia aponta para uma mesa maior. Cristo prometeu beber novamente do fruto da videira no Reino. E a Escritura conduz nossos olhos às bodas do Cordeiro.

“Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro.”

APOCALIPSE 19.9

A mesa da Igreja é provisória e, por isso mesmo, preciosa. Comemos e bebemos enquanto aguardamos a presença visível do Noivo, sustentados pela promessa de que a espera não será eterna.

Essa esperança também corrige nossa obsessão por soluções imediatas. Nem tudo precisa ser resolvido agora. A Igreja vive de promessa. Esperamos. Perseveramos. Reunimo-nos. Celebramos. E fazemos isso até que Ele venha.

CONCLUSÃO

Até que Ele venha

A questão da Santa Ceia em tempos virtuais é, no fundo, uma questão sobre o cristianismo que estamos dispostos a receber.

Podemos desejar uma fé sem atrito, sem deslocamento, sem espera, sem corpo, sem compromisso local e sem a inconveniência de outras pessoas. A tecnologia torna essa possibilidade sedutora. Podemos selecionar sermões, seguir líderes que nunca nos conhecerão, frequentar comunidades que não podem nos corrigir e consumir experiências religiosas ajustadas ao nosso gosto.

Mas a Igreja não foi dada a nós nesse formato.

Cristo nos une a um povo concreto. Um povo que canta desafinado, chega atrasado, precisa de perdão, nos decepciona, nos serve, nos corrige, nos carrega e nos obriga a amar para além da conveniência. É nesse povo imperfeito que Ele colocou sua Palavra, seus sacramentos e o ministério pastoral.

A Santa Ceia resume isso de modo admirável. Há um pão que não escolhemos. Um cálice que recebemos. Uma mesa à qual somos chamados. Irmãos que não selecionamos. Um Senhor que nos recebe por graça.

A tecnologia pode anunciar essa mesa. Pode transmitir a pregação que a explica. Pode convidar pessoas a se aproximarem da comunidade que a celebra. Pode servir a enfermos, viajantes e interessados. Pode espalhar

o evangelho com uma velocidade que gerações anteriores sequer imaginaram.

Mas a tecnologia deve parar diante daquilo que não lhe foi dado substituir.

A tela pode mostrar o pão, mas não pode parti-lo conosco. Pode mostrar o cálice, mas não pode colocar-nos ao redor da mesma mesa. Pode transmitir a voz da Igreja, mas não pode, sozinha, constituir a assembleia. Pode representar a comunhão; não pode fabricar a realidade da comunhão que Cristo instituiu.

Por isso, a defesa da Santa Ceia como sacramento da Igreja reunida não é resistência ao futuro. É fidelidade a uma realidade mais antiga e mais duradoura do que qualquer tecnologia.

“Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.”

1 CORÍNTIOS 11.26

Até que Ele venha, continuaremos nos reunindo. Continuaremos partindo o pão. Continuaremos bebendo do cálice. Continuaremos anunciando que a cruz foi real, que a morte foi real, que a ressurreição foi real, que a comunhão dos santos é real e que a promessa do Reino é real.

E, quando finalmente nos assentarmos à mesa do Cordeiro, chegaremos àquela mesa para a qual todas as nossas pequenas mesas sempre apontaram. Não precisaremos mais de sinais que indiquem sua presença. Veremos face a face aquele em quem hoje cremos e de quem nos alimen-

tamos espiritualmente pela fé. Então compreenderemos plenamente aquilo que agora conhecemos em parte. A simbologia terá cumprido sua missão: não porque era pequena ou inútil, mas porque estaremos diante da própria realidade para a qual ela sempre apontou: à mesa do Rei.

A Ceia não é uma tentativa de tornar Cristo presente. É a Igreja, pela fé, recebendo nos sinais que Ele instituiu os benefícios do Cristo que prometeu estar com o seu povo até o fim.



Rev. Yuri Castro

SOLI DEO GLORIA

Referências para aprofundamento

Bíblia Sagrada: Mateus 26.26-29; João 1.14; João 4.21-24; Atos 2.42; 1 Coríntios 10.16-17; 1 Coríntios 11.17-34; Hebreus 10.24-25; Apocalipse 19.6-9.

Confissão de Fé de Westminster, capítulos XXVII (Dos Sacramentos) e XXIX (Da Ceia do Senhor).

Catecismo Maior de Westminster, perguntas 168-177.

Para aprofundamento, recomenda-se ainda o estudo de João Calvino sobre a comunhão espiritual com Cristo na Ceia e de autores da tradição reformada e presbiteriana sobre os meios de graça.

Sobre o autor

Rev. Yuri Castro é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil e atua no ministério pastoral, ensino e produção de conteúdo cristão de tradição reformada.

A tela pode transmitir palavras sobre a mesa. Não pode tornar-se a mesa.

A internet é uma ferramenta extraordinária para comunicar a verdade,
mas não possui autoridade para redefinir aquilo que Cristo instituiu
para a sua Igreja.



Perfis, redes e outros conteúdos
yuricastro.com.br/ebooks

REV. YURI CASTRO